

O LABORATÓRIO DE APRENDIZAGEM E AS PRÁTICAS DISRUPTIVAS: (IM)POSSIBILIDADES NO ENSINO REMOTO

Hildegard Susana Jung¹

Isabel Cristina da Silva Azeredo²

Maria do Perpétuo Socorro Conte Sanches³

Maryolanda Trindade Lages⁴

Resumo: Os anos de 2020 e 2021 foram marcados pela pandemia do Covid-19 e o consequente isolamento social, que obrigou ao fechamento das escolas. Neste cenário, o Laboratório de Aprendizagem teve que reinventar-se, passando a significar um novo espaço-tempo educativo, ou seja, deixa de *ser* um local e passa a *significar* um local. Contudo, aos poucos é possível voltar a ocupar espaços coletivos. O objetivo do presente relato de experiência consiste em apresentar as vivências das autoras no que se refere ao desenvolvimento de práticas pedagógicas disruptivas remotas durante a pandemia do Covid-19 e os desafios do retorno à presencialidade, no contexto do Laboratório de Aprendizagem. Os resultados mostram que, independentemente do espaço-tempo, as metodologias disruptivas representam uma concepção de práticas pedagógicas, que supõem a superação do conteudismo e da memorização, levando a uma educação que leva ao pensar, à criatividade, ao protagonismo estudantil e, por consequência, à aprendizagem significativa.

Palavras-chave: Laboratório de Aprendizagem; Ensino remoto; Práticas disruptivas.

PRIMEIRAS PALAVRAS

O uso de metodologias disruptivas, ou seja, aquelas que rompem com o ensino tradicional, normalmente relacionado à memorização e à reprodução de conteúdos (CHRISTENSEN; HORN; JOHNSON, 2012), têm se mostrado um desafio intenso à educação do século XXI. Contudo, em uma situação extrema como uma pandemia como

¹ Doutora em Educação. Docente e coordenadora do PPG em Educação. Professora do Curso de Pedagogia da Universidade La Salle. E-mail: hildegard.jung@unilasalle.edu.br.

² Mestra em Educação. Docente e coordenadora do Curso de Pedagogia da Universidade La Salle. E-mail: isabel.azeredo@unilasalle.edu.br.

³ Mestranda em Educação da Universidade La Salle – Programa Minter- Manaus. Docente da Educação Básica. E-mail: socorro.sanches@yahoo.com.br.

⁴ Mestranda em Educação da Universidade La Salle – Programa Minter- Manaus. Docente da Educação Básica. E-mail: yolandalages@yahoo.com.br

a do Covid-19 nos anos de 2020 e 2021, que exige distanciamento social e o consequente fechamento de escolas e Laboratórios de Aprendizagem, essa situação torna-se ainda mais desafiadora.

Neste cenário, o Laboratório de Aprendizagem teve que reinventar-se, passando a significar um novo espaço-tempo educativo, ou seja, deixa de *ser* um local e passa a *significar* um local. Dessa forma, tem-se a nova configuração do espaço-tempo educativo. Com relação ao espaço, salas virtuais permitiram a realização de trabalhos em grupo, possibilitam encontros interdisciplinares e, inclusive, a mobilidade internacional remota, chamada também de internacionalização em casa. No que tange ao tempo, as aulas passaram a ser gravadas e postadas em salas de aula virtuais, permitindo que os estudantes as assistissem em outro momento, ou ainda que tornassem a assisti-las em caso de alguma dúvida. Como podemos perceber, durante esse período o Laboratório de Aprendizagem deixa de constituir-se enquanto local e assume uma dimensão de significado, de amplas possibilidades didático-pedagógicas que demandaram muita criatividade, além de conhecimento e apropriação das tecnologias digitais, bem como acesso às mesmas.

Contudo, aos poucos é possível voltar a ocupar espaços coletivos, mas alguns legados do distanciamento social, da ampla utilização da tecnologia e do novo significado atribuído ao Laboratório de Aprendizagem permanecem. Nesse contexto, o objetivo do presente relato de experiência consiste em apresentar as vivências das autoras no que se refere ao desenvolvimento de práticas pedagógicas disruptivas remotas durante a pandemia do Covid-19 e os desafios do retorno à presencialidade, no contexto do Laboratório de Aprendizagem.

O LABORATÓRIO DE APRENDIZAGEM E SUAS POSSIBILIDADES

O Laboratório de Aprendizagem consiste em um espaço privilegiado de “vivência e o manuseio de instrumentais, que como consequência levará ao conhecimento de diversos tipos de atividades, que poderão estimular a curiosidade e a vontade em aprender”. Desta maneira, os autores são enfáticos quando defendem este espaço enquanto forma de superação do conteudismo, do academicismo e da educação transmissora, sem produção do estudante. Trata-se, portanto, de superar a educação bancária descrita por Freire (1996) como aquela em que o educando, passivo, espera que o mestre deposite os saberes para mais tarde sacá-los no momento da avaliação. Como ensina Freire (1996, p. 13), precisamos buscar “a força criadora do aprender de que fazem

parte a comparação, a repetição, a constatação, a dúvida rebelde, a curiosidade não facilmente satisfeita”. O uso das metodologias ativas é um processo de mão dupla. De acordo com Cáliz (2011, p. 7) ensinar por meio de metodologias ativas é um processo bidirecional: “El profesor aprende de su alumno a ajustar su intervención educativa por la respuesta que éste muestra ante intervenciones anteriores. El alumno enseña a su maestro a enseñarle”. De acordo com a autora, o estudante, por sua vez, observará os resultados que obtém durante o processo e, conforme as expectativas, ajusta seu novo padrão de expectativas.

Neste cenário, o ensino transforma-se em um processo dinâmico. Uma das possibilidades de trabalho pedagógico para o Laboratório de Aprendizagem consiste no projeto de Robótica For Education, descrito ainda neste texto. Contudo, o próximo tópico destina-se ao relato de experiências remotas.

PRÁTICAS DISRUPTIVAS REMOTAS: POSSIBILIDADES E LIMITAÇÕES

A educação remota, como dito, supôs estudo dos artefatos digitais e acesso aos mesmos, especialmente por parte dos estudantes. De acordo com Santos (2020, p. 15), “Qualquer quarentena é sempre discriminatória, mais difícil para uns grupos sociais do que para outros e impossível para um vasto grupo de cuidadores, cuja missão é tornar possível a quarentena ao conjunto da população”.

Uma das possibilidades exploradas pelas autoras deste estudo foram os estágios virtualizados. Apesar de não haver contato e presença física, foi possível, como diz Paulo Freire (1996), explorar a dialogicidade e a problematização. Mais uma vez, tratou-se de explorar nos estudantes uma postura de mediação e de facilitação dos conhecimentos e não de controle.

O trabalho interdisciplinar foi outra possibilidade que acabou sendo contemplada pelas tecnologias digitais. Para que a atividade pudesse ocorrer, foram utilizadas salas meet, planilhas compartilhadas com os discentes, muito diálogo e incentivo à autonomia (GASTARDELLI, 2017). Assim, após um encontro remoto inicial entre as duas turmas, foi disponibilizada uma planilha com as inscrições e atividades. De forma síncrona e assíncrona, os grupos trabalharam colaborativamente (MORAN, 2018).

Por fim, aulas colaborativas internacionais foram, para os estudantes, uma grande oportunidade de crescimento. De acordo com a Associação Internacional de Universidades Lassalistas (IALU) mais de 700 professores foram formados entre março e outubro de 2020 para a utilização do método de ensino *Collaborative Online Learning*

(COIL). Além disso, a associação reforça que já celebrou 352 parcerias, o que impacta em um potencial de 14.000 alunos. Até então, este é o maior projeto de internacionalização em curso no ensino superior, tendo custo zero para as instituições, tornando-se um diferencial da Rede La Salle de ensino superior por meio da experiência da internacionalização em casa. Em síntese, o projeto COIL apresenta uma proposta bastante prática e simples, capaz de viabilizar uma experiência de internacionalização no ensino superior ao propor o uso de tecnologias de informação e comunicação para a interação na modalidade a distância.

O projeto é bastante objetivo e focado no planejamento das ações a serem desenvolvidas em parceria entre duas instituições, representadas por dois docentes e suas respectivas turmas. Ao dividir os professores em duplas e organizar a realização de todas as atividades em conjunto entre os professores, promove a interação entre eles e o planejamento das ações futuras, envolvendo seus alunos. Tal planejamento abrange a definição dos objetivos, das estratégias, das ferramentas e do cronograma (MORÓN, 2018)..

ÚLTIMAS PALAVRAS

Os resultados sinalizaram comprometimento dos acadêmicos mais experientes para com os calouros, de maneira que acabaram formando-se laços de colaboração para o alcance dos desafios, os quais persistem ainda no semestre atual. As atividades interdisciplinares, denominadas por Christensen, Horn e Johnson (2012) como disruptivas, na medida em que rompem com uma pretensa normalidade, ainda que realizadas de forma remota, potencializam a aprendizagem significativa.

Podemos concluir que o isolamento social, ainda que desafiador, não consiste em um impeditivo para a realização de atividades interdisciplinares e significativas. Dessa forma, percebemos que a colaboração, o apoio conjunto e a empatia, como sinalizado pelos acadêmicos na avaliação da proposta, são uma realidade presente.

Independentemente do espaço-tempo, as metodologias disruptivas representam uma concepção de práticas pedagógicas, que supõem a superação do conteudismo e da memorização, levando a uma educação que leva ao pensar, à criatividade, ao protagonismo estudantil e, por consequência, à aprendizagem significativa. aos poucos é possível voltar a ocupar espaços coletivos, mas alguns legados do distanciamento social, da ampla utilização da tecnologia e do novo significado atribuído ao Laboratório de Aprendizagem permanecem.

REFERÊNCIAS

CÁLCIZ, A. B. Metodologías activas y aprendizaje por descubrimiento. **Revista digital innovación y experiencias educativas**, p. 1-11. 2011.

CHRISTENSEN, C. M.; HORN, M. B.; JOHNSON, C. W. **Inovação na sala de aula: como a inovação disruptiva muda a forma de aprender**. Tradução de Rodrigo Sardenber. Ed. atual e ampl. Porto Alegre: Bookman, 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 25. ed. 1996.

GASTARDELLI, Gustavo. (Org.). **Aprendizagem ativa: desafios para uma educação disruptiva**. Caxias do Sul: Editora da AESC, 2017.

MORAN, José. **Tecnologias digitais para uma aprendizagem ativa e inovadora**. Instituto Federal da Paraíba, 2018. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/>. Acesso em outubro de 2020.

MORÓN, O.P. **Análisis sobre la implementación del modelo de docência colaborativa basada en el modelo COIL en la Universidad La Salle**. Ciudad de México, DF: Editora de ULSA, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3ht9C1Q>. Acesso em setembro de 2020.

SANTOS, B. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.